

Associação Nacional de História – ANPUH

XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

Sociabilidades juvenis nos anos 1920.

Pedro Vilarinho Castelo Branco¹

Resumo: A presente comunicação tem como proposta discutir as sociabilidades juvenis em Teresina nos anos 1920, período caracterizado por significativas mudanças no viver cotidiano da cidade. As transformações eram percebidas especialmente no que se refere ao incremento na oferta de escolarização, na instalação de salas de projeções cinematográficas, na criação do passeio público e nas atividades esportivas. Os novos produtos culturais traziam consigo propostas de redefinir os corpos e de reinventar as fases da vida. Na análise utilizaremos textos de literatos formados pela Escola de Direito do Recife, onde tratam das sociabilidades modernas, assim como, crônicas e artigos de jornais.

Palavras chave: juventude, sociabilidades, catolicismo.

Abstract: To present communication has like proposal discuss the youthful sociabilities in Teresina in the years 1920, period characterized by significant changes in live routine of the city. The transformations were perceived especially in what refers to the development in the offering of education, in the cinematographic projections rooms installation, in the creation of the public walk and in the sporting activities. The new cultural products brought with himself proposals of redefine the bodies and of reinvent the phases of the life. In the analysis we will utilize texts of learned formed by the School of Right of the Recife, where try the modern sociabilities, as well as, chronic and articles of newspapers.

Key Words: youth, sociabilites, Catholicism.

No presente texto, analisaremos como a sociedade foi, nas décadas iniciais do século XX, construindo novas imagens e propostas para a formação da mocidade. Ao lado de um discurso preocupado com a formação escolar, ganham corpo outras elaborações discursivas que procuravam definir as práticas mais adequadas para a vivência da mocidade. O que observamos é a criação da juventude como campo de disputas entre propostas emitidas pelas revistas de moda, pelas fitas cinematográficas, por cronistas sociais e as propostas emitidas por literatos ligados ao pensamento católico de inspiração Ultramontana.

O cinema e as revistas de moda, produzidas em áreas mais dinâmicas do capitalismo, mostravam modelos de vivência da juventude ousadas, abertas às novidades, ficando explícita a relação entre juventude e a idéia de transgressão de valores tradicionais. Ser jovem deveria ser cada vez mais se identificar com nova mentalidade, marcada pelo progressivo prestígio da prática de esportes, do uso de novas vestimentas leves e coloridas,

¹ Doutor em História, Programa de Pós-Graduação em História da UFPI, Agência Financiadora – FAPEPI.

em saber dançar os novos ritmos agitados; era, enfim, assumir postura vivaz, elétrica. Tudo o mais que não se enquadrasse na definição anterior passa, então, a ser percebido de forma pejorativa, como sendo velho, decrépito, impotente (SEVCENKO, 1992: 34).

Enquanto as roupas do início do século XX acentuavam as diferenças entre homens e mulheres, marcando as distinções e os papéis na sociedade, as novas modas aproximavam os sexos, causando, para os mais conservadores, confusão entre as identidades masculinas e femininas (BESSE, 1999:13-40). As estrelas cinematográficas agora davam o tom do que seria chique e moderno e os cronistas de jornais problematizavam e prescreviam em crônicas os novos modelos de vestuário, os cortes de cabelo, as posturas em público, que seriam adequadas. As jovens, que não se enquadrassem no rigor da moda, eram percebidas como provincianas, que não se permitiam ousadas:

Silenciosa, caminhando vagorosamente, passa mademoselle [...] Nos seus olhos, deve estar esculpida uma mágoa profunda. Ela não frequenta as reuniões da sociedade, o seu temperamento vive em desacordo com as modernices da época atual. Vestidos curtos, colados no corpo, cabelos a la garçonne, decotes são futilidades que vivem em completo desacordo com as suas idéias. E é na doce ilusão de que a moda antiga volte, que vive mademoselle (O PIAUÍ, 1926a: 4).

Ser melindrosa e ser almofadinha eram padrões que deveriam ser seguidos pelos jovens que não quisessem ser rotulados de provincianos. Cada vez mais, os modelos de masculinidade e feminilidade se aproximavam dos contemporâneos presentes nas áreas centrais do capitalismo. A ruptura entre o passado e o presente era notória. A juventude, melhor escolarizada, deveria ainda estar aberta ao novo, passando a ver com menos pudor e constrangimento a chegada de máquinas, que começavam a se impor ao cotidiano, a construir novo padrão de vida e de consumo.

Outra problemática muito presente na escrita dos cronistas, diz respeito às relações afetivas entre os jovens, o enfoque da discussão direcionava-se ao flerte, prática moderna de namoro, tão ao gosto dos espaços de convivência social urbana, como o passeio público, os bailes e as salas de espera dos cinemas. Em 1919, Max Linder, cronista do jornal *O Piauí*, definiu a nova forma de namoro entre os jovens da seguinte forma:

O flerte é uma conquista da civilização, é o namoro chic, é o amor distração, que não se confunde nunca com o pieguismo de outrora. Começa por um olhar, um sorriso, uma palavra (...) a uma troca de expressões delicadas e enganadoras, de frases e promessas fingidas, e tem a duração efêmera de poucas horas, a delícia rápida de um instante. É a moda dos salões, uma instituição nos clubes, nos jardins, em qualquer parte, enfim onde haja moças e rapazes (LINDER: 1919, 02).

O discurso anterior enfrentava a oposição dos católicos, que também buscavam definir quais caminhos deveriam ser seguidos pelos jovens, principalmente pelas mulheres. A prática católica terá como proposta a negação de modelos que não levassem em consideração os valores cristãos. Dessa forma, questionavam as propostas para a formação da juventude onde a idéia de Deus era desprezada, e combatiam igualmente as propostas modernas, elegendo a moda, as danças e o cinema como os alvos preferenciais.

Eles foram escriturando prescrições que tinham como objetivo definir os comportamentos compatíveis com a vivência da fé cristã. O alvo principal eram as mulheres, definidas como seres frágeis, “com *exaltada imaginação e natural pendor para o proibido*”. (MARTINS: 1920, 17). Diante disso, os modelos católicos apontavam a modéstia, o acautelamento nas ações, o aborrecimento com as vaidades, o amor aos atos de piedade como práticas que deveriam se fazer presentes no cotidiano das jovens. O espaço da casa, onde deveria se dedicar aos familiares, a auxiliar a mãe na labuta cotidiana, seria o espaço por excelência da vida de uma moça cristã.

O modelo de feminilidade juvenil dos católicos via sempre com fortes restrições a frequência aos bailes, onde as danças modernas se faziam presentes. Esses espaços marcados pelos contatos corporais, pelo risco das tentações e insinuações de desejos carnisais não eram apropriados para moças de família que seguiam princípios cristãos e que pertenciam a associações religiosas, como As Filhas de Maria.

Sentir-se a Filha de Maria no seu verdadeiro papel, permitindo-se danças levianas e até indecorosas? Poderá ela guardar sobre seu coração a sua medalha, quando o seu vestuário atestar o esquecimento do que seja o pudor de uma cristã? Que se poderá dizer de uma Filha de Maria que escandalize pelos seus trajes? (MANUAL: 1936, 45).

A jovem católica não deveria se entregar às vaidades, às modas que procuravam enaltecer partes do corpo feminino, despertando, nos homens, desejos. O corpo teria que ser percebido como a morada do Espírito Santo e, como tal, deveria ser respeitado, com práticas que demonstrassem recato e pudor. É o que se observa numa paródia elaborada pelas moças internas do Colégio Sagrado Coração de Jesus, satirizando os objetivos disciplinares do Colégio católico:

*Garotinhas internas, meninas das freiras.
Somos todas do Colégio Sagrado Coração.
Somos todas coradinhas como flor de algodão.
Não vamos nunca ao cinema, e não pintamos os lábios.
Nem as faces, não usamos jóias para não atrair (CARVALHO: 2002, 07).*

O texto citado por Miriam Carvalho mostra facetas do código disciplinar imposto às alunas do Colégio de Freiras, ilustrando o modelo de feminilidade católico. Não usavam maquiagem, não iam ao cinema, não pintavam os lábios, não usavam jóias, sempre com o objetivo de não parecerem vaidosas, de diminuir os atrativos corporais.

Na prática escriturística dos católicos, o acesso a determinados espaços de lazer como o cinema, também deveriam ser restritos. A sala escura dificultava a observação dos comportamentos, os enredos dos filmes enalteciam modelos femininos marcados pela vaidade, pelo mundanismo, mostravam cenas de contatos afetivos, onde a libido era exaltada por cenas de beijos, de insinuações de contatos íntimos, em síntese, onde comportamentos modernos e contrários aos princípios católicos de pudor e recato eram enaltecidos.

O que podemos deduzir das colocações feitas até aqui, é que rapazes e moças se tornavam alvo de propostas conflituosas que procuravam definir como deveria ser a vivência da juventude. Tal processo estava ligado diretamente ao crescimento do intercâmbio entre Teresina e a dinâmica comercial e cultural do restante do país. O cinema ganha espaço próprio, a Praça Rio Branco se torna um passeio público, com jardins e iluminação elétrica, onde os jovens passam a fazer o footing às quintas-feiras e aos domingos. O entorno da Praça ganha alguns bares e cafés, onde a sociabilidade familiar se desenvolve. Acrescente-se, às mudanças já elencadas, algumas novidades no setor educacional, como a criação da Escola Normal, com sua sede própria e alguns incrementos na oferta de educação secundária, e teremos o cenário urbano, onde circularão novas idéias vindas das áreas centrais do capitalismo.

Entre as novidades que chegam à cidade e que são consumidas pela população dos grupos de elite estão os produtos ligados a uma crescente indústria fonográfica. Os novos ritmos como o foxtrote, o jazz, o tango, o maxixe, aliados às vitrolas, possibilitam dar novo formato aos bailes e às danças. Os bailes, que sempre foram o espaço por excelência dos encontros e aproximações entre rapazes e moças (ARAÚJO: 1993, 354-367), ganham outros ritmos, mas não perdem sua função anterior, conforme expressa o cronista Glauco na crônica, *Leves, quase alados*. Em princípio, Glauco descreve certo estranhamento, diante de novos modelos femininos, que passam a se fazer presentes nos bailes, tais como as cores dos novos trajes das mulheres; comenta também o estilo não muito cortês de alguns rapazes à moda dos almofadinhas, ao se aproximarem das moças para dançar:

Foi num baile (...) eu estava meio entontecido pelas luzes, pelas cores das vestes femininas e pelo burburinho de vozes e de risos. (...) de súbito, porém, rompeu o Jazz saltitante, desvairado, numa mutação vertiginosa de sons em que guinchos, zurros, e todos os gritos bárbaros da natureza. E os rapazes se atiraram às moças (O PIAUÍ: 1926b, 04).

Em momento seguinte, Glauco descreve os pares dançando e descobre que, mesmo com o ritmo agitado, os bailes continuam a cumprir sua função social de aproximar os casais de enamorados, momento de aproximação e até de romantismo:

Passavam pares enlaçados, uns aconchegados, outros afastados. Aqui era um par que vinha bailando leve, unido, elevado; ali outros que lá se iam indiferentes, atentos somente à cadência da música; além, outro que me atraía a atenção, porque ele se esforçava por se achar, enquanto ela o repelia delicadamente.(O PIAUÍ: 1926b, 04).

O jazz, o tango e outras danças modernas davam outro ritmo e padrão de contatos corporais entre os jovens. As quadrilhas, por exemplo, tão presentes nos bailes do começo do século em Teresina, não propiciavam contatos intensos.

A reação dos mais conservadores aparece nos jornais, em forma de cartas que expressam opinião contrária ao novo modo de dançar. Em 1920, uma senhora, identificada como mãe de uma jovem, escreve ao jornal *O Nordeste*, protestando contra as novas danças. Ela argumenta que os rapazes precisavam entender as diferenças entre os comportamentos aceitáveis nos cabarés e nos salões familiares, tendo em vista que os espaços eram diferentes, e as mulheres, nos dois espaços referidos, seguiam padrões morais muito diferentes e isso precisava ser respeitado. “*E é justamente por isso que o tango é dançado diferente nos salões de famílias e nos salões menos iluminados. E o que está se dando o que falar é querer se igualar tudo*”.(O NORDESTE: 1920, 05)

A mãe argumenta ainda que os pais são também responsáveis pelo que está acontecendo nos bailes, acusa-os de negligentes com as filhas e apresenta a sua fórmula de educar a filha adolescente como um modelo possível e adequado:

Tenho uma filha de quinze anos, inteligente e muito viva, mas que, segundo o costume da terra, vai aos bailes e dança, aliás, muito, mas com um certo recato. Tem ordens minhas e de meu marido, muito severas, para se não deixar asfixiar pelos rapazes. Caso contrário, ela está avisada de que voltará, internamente, para o colégio por mais dois ou três anos. (O NORDESTE: 1920, 05).

A formação moral recebida pela moça deveria ensinar-lhe a manter distância dos corpos masculinos, saber se comportar como mulher direita e evitar os excessos, no entanto, como reforço a essa formação, a mãe mantinha sob ameaça de penalizações disciplinares

qualquer excesso cometido pela filha. Dessa forma, o internato aparecia como punição às que se mostrassem fora dos padrões comportamentais esperados.

Nenhuma das propostas apresentadas aos jovens se torna hegemônica. O que vence é um reagrupar de idéias onde as mulheres adaptam as propostas das novas modas, assumindo padrões contemporâneos de vestuário, de apresentação corporal com os cortes de cabelos curtos e com outros requintes que não seriam deixados de lado pela vaidade feminina. Afinal de contas, as moças teriam que buscar o equilíbrio entre se mostrarem belas, arrumadas, e assim, à altura das concorrentes no mercado matrimonial, e ao mesmo tempo não parecerem vulgares ou excessivamente melindrosas.

Os bailes, o cinema, as novas danças, o passeio público são consumidos pela juventude, dentro dos limites que as circunstâncias, que a formação moral incorporada por eles no processo de escolarização, e que suas inclinações pessoais permitissem.

Consumidas por muitos e, por isso mesmo, assumindo parte importante na forma de subjetivação de muitas jovens, destacam-se as crenças e princípios religiosos. Cronistas da época, desolados, criticam o fato de a Praça Rio Branco ter ficado esquecida no dia da festa de Santa Inês, padroeira da Associação das Filhas de Maria, pois as moças estavam, na sua grande maioria, reunidas nas comemorações religiosas à jovem santa. O episódio é revelador da dimensão diversificada do consumo das propostas apresentadas. Em outras crônicas, a tentativa de moças em conciliar a vida festiva e mundana com as práticas religiosas é também expressa. Elas participam das festas religiosas e ao mesmo tempo do carnaval, vão ao cinema, não aceitando as proibições regulamentares das associações religiosas. É nesse contexto que podemos entender o relato do cronista do jornal *o Piauí* sobre o comportamento de uma Senhorita:

Mademoisele mesmo é um exemplo. Ainda outro dia, quando quis gozar a encantadora loucura pagã das festas de Momo, a quem foi que se dirigiu para poder ter, no pecado, a paz de espírito e a alegria da alma? Foi à sua consciência? Foi a seus pais?

Não foi em São Benedito, em cuja Igreja nós a vimos entrar domingo de carnaval, à tardinha.

Mademoisele rezou e depois foi à festa dos Fanfarrões (O PIAUÍ: 1926c, 04)

O comportamento da referida senhorita que não abria mão de se subjetivar como uma mulher religiosa, apegada aos valores cristãos, mas que, ao mesmo tempo, assumia padrões modernos, no vestuário e na forma como participava das festividades consideradas mundanas pela Igreja, parece ser o caminho de subjetivação mais presente no meio feminino.

As estratégias mais intransigentes usadas principalmente pela Igreja Católica, que procurava homogeneizar os comportamentos femininos, afastando as mulheres de espaços considerados como impróprios para elas, como o carnaval e os cinemas, é que parecem ter sido, muitas vezes, desrespeitadas. O caso comentado pelo redator do jornal *O nordeste*, da moça associada às Filhas de Maria, que deixou a congregação, depois de ter sido punida por participar de festas carnavalescas mostra que a Igreja tinha grande influência sobre os comportamentos das mulheres, que, em grande parte, aceitarão as idéias católicas e se subjetivarão como mães e esposas devotadas à família. Elas, porém, não abriam mão, particularmente enquanto solteiras, de participar dos momentos de convivência social onde rapazes e moças podiam se encontrar e começar algum tipo de aproximação.

As mulheres parecem consumir muito mais que os homens as idéias de disciplina, de recato. As vigilâncias diminuem até porque a dinâmica social moderna exige que elas freqüentem os espaços públicos, que saiam de casa para ir às escolas, e a outros locais de sociabilidade familiar. Se, muitas vezes, a presença de familiares acompanhando as moças mostra a continuidade de práticas tradicionais, e uma certa desconfiança na eficácia das novas estratégias disciplinares, as oportunidades de burlar essa vigilância familiar se multiplicam.

No entanto, para as mulheres terem a oportunidade de freqüentar e se movimentar nos espaços públicos, foi preciso que elas se subjetivassem como mulheres disciplinadas, que a todo o momento dizem por suas posturas e comportamentos corporais que são mulheres direitas, moças de família, sérias e que devem ser respeitadas e tratadas como tal. Incorporar essas posturas seria fundamental para as mulheres se distinguirem, no meio social, daquelas que não se enquadrassem no modelo de moça de família.

Era preciso que as mulheres estivessem atentas aos comportamentos, pois, para elas, os riscos de algum prejuízo moral sempre existia, tendo em vista que, exagerar no flerte, brincar com vários rapazes em uma mesma tarde de passeio, era interpretado como comportamento inadequado para moças de família, flertar excessivamente, sem constância nos pares, era, para alguns cronistas, um sinal de hipocrisia, o que não era aconselhável a uma moça.

E então não é hipocrisia? E então fazer o flerte com dois, três, cinco, inúmeros rapazes, finalmente, é um procedimento impecável? Quem diria? Ninguém, talvez eu, por exemplo, julgava o seu temperamento diferente (O PIAUI: 1926d, 04).

Quanto aos rapazes, os avisos, os interditos, as preocupações com os limites aceitáveis nos contatos corporais, ao que tudo indica, não faziam os mesmos efeitos.

Acostumados a não obedecer a limites rígidos, eles dão continuidade a velhos hábitos de saídas noturnas, de uma vida mais folgada, onde as brincadeiras, a frequência a bailes de subúrbios e mesmo de cabarés, tudo isso, aliado, ou não, ao consumo de bebidas alcoólicas, parece fazer parte da subjetivação masculina.

O importante era que percebessem os limites dessas relações, que distinguissem entre as moças de família reservadas ao casamento e as outras, com as quais teriam a liberdade de se envolver sexualmente, desde que não se comprometessem emocionalmente.

Referências bibliográficas.

ARAÚJO, Rosa Maria Barbosa de. *A vocação do prazer*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993. p. 354-367.

BESSE, Susan. *Modernizando a desigualdade*. São Paulo: EDUSP. 1999.

CARVALHO, Miriam O. Jales de. *Pequena história das alunas internas do C.S.C.J. (1937-1944)*. Teresina, 2002.

CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. As transformações nas sociabilidades dos jovens em Teresina nas primeiras décadas do século XX. *OPISIS – Revista do NIESC*, vol. 6, p 96-107, 2006.

CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 1994.

LINDER Max. Movimento social – Filmes. *O Piauí*. Teresina, Ano XXX, n. 283, p. 02, 18.maio 1919.

MARTINS, Elias. *Fitas*. Teresina: Tipografia do jornal de notícias, 1920.

Manual das Filhas de Maria. Rio de Janeiro, 1936.

Senhor redator. *O Nordeste*, Teresina, ano I, p. 05, 03 jul. 1920.

SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole*. São Paulo: Companhia das letras, 1992.

Vida social. Mademoselle X. *O Piauí*. Teresina, ano XXXIII, n. 77, p. 04, 08 abr. 1926a.

Vida Social - Leves, quase alados. *O Piauí*, Teresina, ano LX, n. 270, p. 04, 10 dez. 1926b.

Vida Social. *O Piauí*. Teresina, ano XXXVIII, n. 50, p. 04, 05 mar. 1926c.

Vida social. *O Piauí*, Teresina, ano XXXVIII, n. 60, p.04, 17 mar. 1926.